

## AVANÇOS E ATRASOS

**\*Roberto Rodrigues**

Nas últimas semanas aconteceram fatos muito importantes para a história contemporânea brasileira, que nos permitem ampliar as esperanças quanto a um futuro melhor.

Um desses fatos foi o anúncio, em 28 de junho, do acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia, que vinha sendo buscado sem resultado há quase duas décadas. Nas suas três vertentes, a que trata do livre comércio é de longe a mais importante (as outras duas são a política e a cooperação), uma vez que estão sinalizados temas como redução de tarifas e aumento de quotas, o que garantirá maior acesso a produtos do nosso agro ao gigantesco mercado europeu. Ainda falta conhecer os detalhes do acordo, inclusive qual o alcance da cláusula do "princípio da precaução", além do que os Congressos de todos os países envolvidos precisarão homologar o anunciado entendimento- e em alguns deles tem havido barulhenta reação dos produtores rurais- e tudo isso vai demorar um bom tempo para ser realizado, mas o passo foi muito relevante para nosso desenvolvimento futuro. Estávamos fora do grande jogo do comércio global e agora voltamos a ele, ainda que os resultados concretos demorem mais de 2 anos para começarem a vigir, e mais de 10 anos para serem realmente significativos. Mas foi muito bom.

O outro extraordinário avanço foi a aprovação em primeiro turno na Câmara do Deputados, no último dia 12 de julho, da ansiada Reforma da Previdência. Ainda falta o segundo turno, que só acontecerá em agosto, além da necessária aprovação também pelo Senado, mas o sinal já está dado: nossos parlamentares se preocuparam com o futuro das aposentadorias e mais do que isso, com a saúde das contas públicas nacionais.

Claro que esse grande acontecimento não será suficiente para os saltos que precisamos dar, ainda faltam a reforma tributária e a do Estado, mas ambas estão na pauta para discussão no futuro próximo, sempre tendo em vista a redução do tamanho do Estado para melhorar as contas e a poupança do país, permitindo a retomada de investimentos que finalmente reduzirão este maior câncer que é o desemprego.

Viva, pois, estes dois avanços inestimáveis.

Enquanto isso, nossa agropecuária vai cumprindo seu papel, produzindo com sustentabilidade alimentos, energia e fibras para os consumidores brasileiros e de quase 200 países pelo mundo a fora. Com tecnologia e empreendedorismo, estamos colhendo outra gigantesca safra de grãos, muito próxima de ser um novo recorde, e as exportações do setor seguem garantindo o saldo comercial positivo para o Brasil.

Mas há dois temas que precisam ser mais trabalhados sob a luz da tecnologia: irrigação e polinização, tão diferentes entre si e tão ligados à sustentabilidade, palavra chave para a competitividade.

Segundo o Atlas da Irrigação editado no ano passado pela Agência Nacional de águas (ANA), o Brasil tem cerca de 7 milhões de hectares irrigados, menos que 10% do total das terras agricultadas. É pouco, mas esta área cresceu

53% de 2006 a 2015 (são os dados disponíveis), e isso sim é um número significativo. O maior crescimento foi no centro-oeste (103%), seguido por norte (77%), sudeste (68%), sul (37%) e nordeste (16%). Há aí uma certa contradição, uma vez que o Nordeste é a região mais seca do Brasil e, portanto, a que mais demandaria irrigação. Isso deverá ser mitigado com a célebre transposição do São Francisco, quando ficar pronta. Já a área irrigada do Sul se deve ao sistema de plantação de arroz por inundação, que vem sendo substituído por modelos economizadores de água, como o gotejamento. De acordo com a ANA, temos um potencial efetivo de incorporação de novas áreas da ordem de 11,2 milhões de hectares, isto é, 150% a mais do hoje cultivado. Já a projeção de expansão até 2030 fica em apenas 3,14 milhões de hectares, dadas, principalmente, as dificuldades burocráticas para acessar água. Mas este é um tema de suma importância para o agro brasileiro: reduz riscos climáticos (que é a maior incerteza do setor) e tem baixo custo relativo de investimento, se considerarmos o preço da terra.

Quanto à polinização, há números interessantes: abelhas com ou sem ferrão, através de um processo de polinização dirigida, podem aumentar muito a produtividade agrícola. Há estudos sérios suficientes para inspirar um Plano de Apicultura da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, cujos efeitos podem contribuir para a redução de emissões de gases de efeito estufa e gerar uma renda anual de R\$ 2 bilhões, sem aumento de área e nem de insumos agrícolas. A ideia é que os fazendeiros coloquem abelhas (apiários) em suas áreas de reserva legal e estas, além de gerar renda em uma área da fazenda que não tinha utilidade econômica, poderão polinizar suas culturas durante as floradas, sem gerar desmatamento, sem necessitar vultuosos investimentos e nem produzir mais gases de efeito estufa. O programa paulista pode ser replicado nacionalmente, é claro.

Com relação ao café, por exemplo, uma pesquisa comparou a produtividade entre galhos cobertos e outros descobertos e sujeitos à polinização por abelhas: o número de grãos gerados nos galhos descobertos foi 181 na média. Já nos galhos cobertos onde a polinização foi impedida, o número médio de grãos foi 81, isto é, 55,25% menos!

No caso de laranja, a porcentagem de fecundação das flores em galhos descobertos foi 57,4% maior que a de galhos cobertos. Outras fontes informam que as flores visitadas pelos insetos produziram maior quantidade de frutos (aumento de 35,30%), frutos mais pesados (180,2g), mais doces (1,164g de ác. cítrico/100g de amostra) e com maior número médio de sementes por gomo (1 semente/gomo) que as flores não visitadas pelos insetos.

Há estudos mostrando que a polinização da soja pode aumentar a produtividade de 10% a 40%, dependendo da variedade da leguminosa, a exemplo de um estudo realizado por Rehder (2012) em que houve aumento de 21,7% no peso colhido. Além disso, concluiu-se que na área com livre visitação para abelhas melíferas e insetos observou-se um aumento de 36,7% no número de vagens, e 34,8% no número total de sementes em relação ao tratamento controle (coberto por gaiola).

Interessante salientar que tanto no caso da polinização da laranja, do café e da soja, há o ganho adicional na produção de mel.

A polinização, além de incrementar a produtividade, pode ajudar em muito a reduzir a pegada de carbono, e por isso deve ser considerada como um insumo para a agricultura. E até poderia ser incluída no Plano ABC - Agricultura de Baixo Carbono (Plano Setorial de Mitigação e de Adaptação às Mudanças Climáticas para a Consolidação de uma Economia de Baixa Emissão de Carbono na Agricultura).

Estes estudos corroboram com a tese de que, irrigando e polinizando nossas culturas alimentares, temos meios de aproveitar ao máximo o potencial genético de nossas culturas. Em suma, políticas estruturadas para irrigação e polinização podem ser uma REVOLUÇÃO SUSTENTÁVEL na nossa agricultura, ajudando a garantir a PAZ no mundo.

**\* Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**